

DAVIDA

TEXTO TEATRAL
POR RAFAEL CHARRETE

Enquanto a plateia entra no recinto, o personagem João faz performances acrobáticas entre os andaimes e os cubos.

Em OFF, ouve-se o barulho das ruas e frases de vendedores ambulantes. Recitação de fragmentos poéticos cortam esse som ambiente, fazendo com que João reaja a eles de maneira psicofísica.

João passa a interagir com as poesias, dançando ao seu som e dialogando palavras aparentemente fora de contexto.

Ouve-se som de coração batendo de maneira acelerada. João performatiza num rodopio, até que, exaurido, deita-se ao chão. O som do coração vai aos poucos se acalmando... Silêncio.

O telão varia entre as cores verde, amarelo e vermelho. Na tela vermelha percebe-se a silhueta de João projetada, segurando uma placa com números à frente do peito.

Som de portão fechando interrompe o silêncio. Ao bater, o barulho da rua novamente é escutado, mas dessa vez sem poesia...

Um som freada brusca de carro faz João rolar e levantar:

João:

- Seu sacana! Comprou a carteira aonde? Quase me mata esse maluco! Se eu morro agora, eu volto e pego aquele filho da... Filho da mãe!

- É isso, né? Morte ao trabalhador de rua que não tem valor social... *(apoia-se em um dos andaimes como quem se apoia numa barraca)*

- Sr. Chico, Como vai o senhor? *(retira de uma sacola que leva consigo alguns elementos circenses e os apoia na "barraca")* Estou de volta ao show. Tentaram me parar, mas é aquela coisa: se mandar calar, mais eu falo, *(Pega*

um jornal da barraca e o abre) afinal, nada vem fácil pra um homem sozinho de 39 anos de idade que tem nove bocas pra alimentar.

- Saudade disso... Quanto tempo que não via esse carimbo hem Sr. Chico. Jornal com selo de qualidade, só o do senhor. Só as pessoas conscientes sabe o que é isso. Esse cheirinho que só o papel tem. O celular jamais vai ter isso aqui... Quando pego um jornal é como se estivesse lá onde o fato aconteceu. Sentindo o ambiente, o som, o cheiro... *(começa a ler e a comentar as notícias do jornal)*. É, pelo visto nada mudou. Na verdade mudou pra pior. Morte, morte, morte... Isso é extermínio, isso sim! Olha essa outra! *(comenta outra notícia)*. Quando leio isso penso em mim mesmo... nos meus filhos... O que o senhor acha? O senhor lê todo dia os jornais, não é mesmo? Porque quem trabalha com literatura deve entender tudo dela... eu acho que é assim. E jornal também é literatura. Olha essa: *(comenta outra notícia)*. Eu e você batalhando pelo leite e pão e um monte de sacana roubando a gente. Ah, mas eu nem ligo mais. Não da pra esquentar a cabeça com tudo o que acontece. Vou com força nas coisas que eu quero e devo fazer. Eles querem que eu me aborreça, estremeça, e perca a cabeça. Posso morrer tentando, mas jamais vou conseguir através de coisa errada ou sacaneando o povo. Eles acham que é porque a gente não tem carteira assinada, não usa essas roupas chiques ai, que a gente não presta, não tem sonhos...

- Aqui minha carteira de trabalho *(mostra as mãos)* e olha aqui o carimbo *(mostra o os braços)*. É a marca de sol na pele. Meu escritório é a rua, e essa rua é também a sala de aula. Aqui, a gente nasce todo dia pra viver melhor.

O telão que antes estava variando entre as cores verde, amarelo e vermelho, agora para na ultima. O som dos carros para. Joao faz numero de malabares e perpassa em seguida pelos cubos. Ele coleta algumas moedas depositadas sobre eles e agradece. O telão fica verde. Novamente ouve-se o som frenético de carros passando.

(Joao volta a falar enquanto conta as moedas) Ta osso! ta osso!... Viu ai? Você deve estampar sempre um ar de alegria, aprender a baixar a

cabeça e dizer sempre: “muito obrigado”. São palavras que ainda te deixam dizer por ser homem bem disciplinado. Para isso é preciso muita paciência. Às vezes dá uma vontade de sumir disso tudo. Inda me lembro quando minha mãe, no tanque lavando roupa, dizia: “Lutar é preciso menino, lutar é preciso menino. A paciência sempre é bom guardar”. Meu pai, então, do canto respondia: “O nosso exemplo deve te bastar”. Minha mãe calava, e calada chorava, e chorando vinha me pegar. Me pegava e abraçava, e abraçando falava: “Esta vida eu sei que um dia vai mudar”. Até hoje eu carrego a voz de minha mãe em meu peito. Minha mãe, não se preocupe que minhas mãos eu não sujo.

A única herança que meus pais deixaram foram as palavras. Palavras que guiaram minha vida, que encheram meu coração de esperança. E a maior riqueza que o pobre pode carregar é a educação. Pobre com dignidade que sempre vive a lutar sem deixar a peteca cair. Vale mais que ter muito dinheiro na conta e uma arma em punho.

O telão volta a ficar vermelho e Joao repete seu numero no semáfor. Em OFF, ouve-se pessoas gritando “Pega ladrão!”. Joao se distrai e erra seu número. O telão fica verde e ele quase é atropelado.

- Todo dia é isso. Esses caras ganham mais dinheiro do que a gente, e nunca é pego, quando pegam dá em nada. Cara sortudo! Pior que o pessoal não dá dinheiro à gente, achando que somos iguais a esses caras. Filhos da puta! Já não basta esse dia após dia, que é um peso constante sobre as costas da gente. Já basta a descrença e a desconfiança acabando com nossa esperança de felicidade. Estamos aqui é ralando. Se engana quem acha que queremos dinheiro fácil. A gente quer valer o nosso suor. Ser respeitado pelo nosso trabalho. O que tem mais aqui nesse jornal, Sr. Chico? *(Joao lê outra notícia, e dessa vez fica reflexivo. A notícia lhe traz algum tipo de lembrança de seu família e de sua falecida esposa. Começa a ficar triste, quando percebe que o*

sinal fechou. Joga para o alto os jornais, e corre para fazer a sua performance, mas sua pressa lhe fez errar o número. Ao pedir dinheiro entre os carros recebe apenas um cartão. O sinal fica verde e ele volta a conversar com Sr. Chico)

- É cada uma que me aparece. Agora a pouco um coroa, num carrão me parou e ofereceu um trabalho. Respondi a ele que trabalho com arte, e o que estou fazendo aqui debaixo desse sol não era brincadeira. E que ele não me venha com coisa errada, que eu não me meto. Eu to errado, Sr. Chico? Ele riu de minha cara e me entregou esse cartão: “Armando Medrado”. “Armando”, olha só o nome... Coisa boa não deve ser...

- Sr. Chico, Já deu por hoje... O tempo não esta bom. La vem a chuva ai... é bom o senhor ir guardando as mercadorias também. Boa noite pro senhor, até amanhã.

No dia, seguinte Joao repete toda a performance do dia anterior: peripécias nos andaimes, som de pessoas, poesias, cansaço, coração... quase é atropelado.

- Bom dia Sr. Chico, tudo certinho? Tudo certo mesmo? Então ótimo... Vamos pra mais um dia de luta. *(Como de costume, arruma suas coisas e pega o jornal pra lê)*. Como é que pode?... Esses caras ganham um absurdo de salario, ainda tem carro, motorista, casa, alimentação, empregados, e a gente labutando na rua, mais invisível que sinal vermelho com motorista apressado. A mão é sempre a mesma que vive a me explorar. *(apontando para o jornal)* E tem gente que acha “que não”, que é mi mi mi. Você merece, você merece. Tudo vai bem, tudo legal. Cerveja, samba, e amanhã, seu Zé. Se acabarem com o teu Carnaval? Eta, nem eu entendi o que falei. O senhor entendeu, Sr. Chico? *(Folheando o jornal, fica assustado com o que lê)*

- Sr. Chico, Sr. Chico...olha só. Esse aqui não é o cara que assaltou aqui na rua outro dia? Encheram o cara de bala. *(o sinal fecha e Joao não percebe)* E como sempre, não pegaram o assassino. Vai dar em nada. Um novo cristo se malha num poste amarrado, pra lavar nossas dores desses dias tão pesados. A

verdade é que estamos ferrados, a dita anda dura meu caro. Estão querendo nos calar... Mas estamos armados. Nossa voz, nosso corpo, nossa arte, sempre vai gritar. O Artista não pode ter medo.

Não podemos também dá o motivo que eles querem para nos parar. Temos que manter a inteligência... *(pensativo pelo palco, pega sua garrafa de agua e bebe)*. Quando o tempo é de armação, mantenha firme a sua mão. Mantenha aceso o coração, Sr. Chico. Temos que se unir, se proteger. Lutar é preciso...lutar é preciso.

Novamente o sinal fecha sem que Joao perceba. Quando ele nota corre para a frente dos carros e o sinal abre, fazendo com que quase seja atropelado. Senta na estrutura, pensativo. Pega o cartão de Sr. Amando. Sai de cena. Ao retornar o som ambiente é o mesmo de sempre, mas Joao está apático. As coisas ocorrem ao seu redor sem que ele reaja.

- Já deve ter visto ai no jornal, né Sr. Chico, que o tal do Armando foi morto em casa? O senhor acredita que ontem quando eu saí daqui eu liguei para ele, e o safado já sabia meu nome? Nunca tinha visto esse cara antes. Me assustei, é claro. Quando perguntei sobre o trabalho, me falou apenas que deveria aparecer no endereço dele. Eu fui ontem mesmo lá, no finalzinho da tarde...

Era um prédio enorme, um apartamento por andar. Ao redor tinha muito entulho, estavam em reforma. A portaria do prédio era maior que minha casa... é um quarteirão desse todo aqui. O porteiro todo alinhado, de terno e gravata, até que parecia comigo. Cheguei lá um pouco cismado. Primeira coisa que o porteiro fez foi perguntar o meu nome. Eu logo respondi com muito orgulho: João do Amor Divino de Santana e Jesus. Ele ficou meio desconfiado, falou debochando no interfone: "Tem um tal de Joao do Amor aqui em baixo" Então fui liberado a entrar naquela prisão de luxo cheio de grades, seguranças e câmeras. Mais à frente, me estranhei com uma senhora que disse para eu usar o elevador de serviço. Segundo ela, aquele elevador era só para moradores e

visitantes. Não vou engolir essa né... Eu disse que eu era gente igual a ela, e iria no mesmo elevador que ela fosse. Pegamos o tal elevador social, parecia que estava indo a um enterro. Os dois com cara de poucos amigos. Cheguei no apartamento, uma criança abre a porta pra mim e pede para eu aguardar. Todo educadinho... Precisa ver. Mandou eu me sentar, mas preferi ficar em pé mesmo. La foi ele jogar seu videogame, me perguntou o que eu fazia. Eu então respondi: Arte. O garoto me olhou surpreso e disse que fazia arte também na escola. Ahh, legal. Eu já estava ficando inquieto. Por sorte tinha uns jornais para eu foliar. Notícia vai, notícia vem. Ai do nada, o menino solta uma frase: “Hoje é a semente do amanhã. Não tenha medo que este tempo vai passar, não se desespere nem pare de sonhar”. Não entendi o porquê ele falou isso para mim. Deve ser essa minha cara de pobre. Eu não acreditei, que aquelas palavras, saia da boca daquela criança. Um menino, que mal saiu do berço me dando lição de moral como se conhecesse o que é a vida. “E a vida, o que é? Diga lá meu irmão” Era o que tinha vontade de falar para ele, mas era apenas uma criança. Eu cansei dessas velhas promessas. Dessas velhas palavras e cansados ditados. Já não basta esta coisa rolando aí fora nos castrando com garras e dentes. Nos forçando a viver tão somente de meias verdades. Mas uma coisa me chamou a atenção. Havia vários porta-retratos no armário da sala. Em uma delas, estava o tal Armando posando ao lado de um carro. Resolvi então perguntar ao menino onde era aquela foto. E, sabe né... Criança não mente. Foi logo abrindo o bico, todo alegre: “É a loja de meu pai, lá tem um monte de roupa, mas eu gosto mesmo é dos brinquedos que tem lá...” Entendido: O cara era dono da loja perto da sinaleira. Nesse momento me veio uns flash na cabeça, lembrando o dia que quase fui atropelado, e quando fui parado na sinaleira por esse cara. Tenho certeza que era o mesmo carro.

- O sangue começou a esquentar...foi ao limite. Sabe de uma “Já carreguei, num agüento mais o peso dessa minha cruz”. Nessa hora passou um filme de tudo o que passei pra ser quem eu sou. Aquele lugar começava a cheirar mal, pior que o rio Tietê. E eu já estava pra explodir. Nessa hora me lembrei da

minha saudosa professora de teatro que costumava falar “Quem enfrenta um palco, enfrenta qualquer coisa”. Foi ai que resolvi usar minha arma: a arte.

- Fui ate a varanda do apartamento. Subi no parapeito. E assim, de repente, deixei de ser gente. A criança, assustada, começou a gritar pelo pai. Até que ele chega, parado com cara de medo, me olhando. E eu ali começava a dar meu show, me equilibrando, ficava de um pé e tudo. Naquele momento estava me sentindo num palco. De repente eu via o tal Armando me pedindo para eu parar, dizendo que poderia me ajudar. E eu mudo, continuava. O tal Armando, estava todo educado, me dizendo que tinha uma proposta para mim e que poderia resolver todos meus problemas... *(Joao faz uma caricatura de Armando, e resconstitui o dialogo que houve entre os dois)*

João - Você, resolver meus problemas? Você é Deus por acaso, o gênio da lâmpada?

- Ele então pediu para o filho ir para o quarto.

Armando - agora que estamos a sós, podemos acabar com isso tudo. Por favor, sente-se para conversamos. Quer beber alguma coisa?

João - Quero saber como você sabia o meu nome, se nunca nos vimos antes. Ou já?

- Ele ficou em silêncio, sem saber o que responder. Estava na cara que escondia algo. Quanto mais silencio ele fazia, mais eu dava minhas piruetas. Ai é que ele ficava nervoso.

- E então... Não venha me dizer que me encontrou naquele dia na sinaleira.

Armando - Eu sabia seu nome, porque vi alguém lhe chamando pelo nome.

João - Mentiroso. Ninguém ali me chama de João. Gentileza, para os mais chegados. Joao, para pessoas como você.

Armando - Tá certo. Mas antes, desça dai.

João - Já sei que você é dono daquela loja que toma todo o quarteirão.

Armando - Está vendo esse jornal? Não reconheceu nada?

- Não tinha me atentando quando peguei pra lê. Era o carimbo da banca do Sr. Chico

João - Então você conhece Sr. Chico?

Armando - super gente boa.

(João fica pensativo, como quem esta se entregando, senta no parapeito)

João - Se ele lhe conhecia, porque ele não me falou nada quando mostrei o seu cartão?

Armando - Mas calma, deixa isso pra lá. Vamos ao que interessa. *(Mostra um cheque)* será que lhe ajuda?

João - -Pra que?

Armando - Já que você adiantou o assunto. Pelo visto Sr. Chico lhe desapontou não foi? Sabe que eu também andei cismado com ele... A presença dele ali, naquela região... Digamos que não combina muito com aquele ambiente.

João - Você não me conhece direito. Não aceito dinheiro sujo...

Armando - 39 anos, brasileiro, casado, 9 filhos...

(João espantado com a fala de Armando, e começa refletir sobre os ocorridos)

João - Então é isso, foi você quem armou pra que eu fosse preso. O carro da foto... foi você que quase me atropelava não foi?

Armando - digamos que um acidente de percurso. Um susto. Mas não se preocupe, você esta aqui vivinho.

João - Porque eu pulei a tempo, se não já estaria morto essa hora.

Armando - Acidentes acontecem Gentileza

João - João. Me chame de João.

Armando - Um acidente em uma banca de revista também pode acontecer. Estamos todos propensos a isso.

João - É melhor eu ir embora.

Armando - Não lhe aconselharia João. Acho que essa grana pode lhe ajudar a colocar comida em casa. Eu sei bem como é criança. O meu vale por dez. Quando quer uma coisa, não para de chorar.

João - O que tenho que fazer?

Armando - Como lhe falei... Apenas um acidente. Faz frio à noite. Acho que um fogo de repente pode esquentar um pouco a rua.

João - Jamais faria mal a alguém

Armando - Veja o que o Chico fez com você. Traiu sua confiança não foi? Ninguém vai se machucar, a principio.

- O covarde é aquele que caído não tenta jamais se levantar

(João volta a ficar em pé no parapeito e fazer acrobacias)

- Fiquei novamente de pé, no parapeito. Logo, logo uma multidão se formou lá embaixo. Plateia cheia, do jeito que eu gosto. E eu lá me equilibrando, dando minhas piruetas. A cara de espanto do seu Armando me excitava a continuar. Era notório o nervosismo dele pegando o celular. Aos poucos, começo ouvir zoadas de moedas caindo no chão. E o povo lá embaixo olhando o seu relógio, exigia e cobrava a minha decisão. Começaram a gritar: “pula, pula, pula”. Comecei a me lembrar do meu menor e as nove bocas pra encher de comida. E os gritos para pular só aumentavam. De repente entra a criança na sala.

Criança - Pai... Olha só o brinquedo que eu achei

- Era um revólver. Confesso que até me espantei. O Armando ficou nervoso.

Armando - Filho, isso não é brinquedo... Me dá isso aqui.

- Ai começou a confusão. A criança correndo pela sala, e o pai atrás... ele vem ate a mim pra me entregar aquela arma. De repente, aquilo estava em minhas mãos... Armando veio em minha direção. Foi então que olhei para baixo e avistei os entulhos e materiais de construção. Não deu nem tempo de pensar. Em segundos, larguei a arma ao chão e saltei, sem me benzer, por entre aplausos e emoções. Desci os sete andares num silencio de quem já morreu. Bati no calçadão. Por segundos eu havia apagado. De repente me mexi. Sorri, e o aplauso em volta muito mais cresceu. Levantei e recolhi a grana que a platéia deu. Sai de lá rindo da multidão que antes gritava “pula e morre seu otário”. Foi sem duvida uma das minhas melhores apresentações.

- Foi isso, Sr. Chico... Tenho a consciência tranquila. O homem que é homem de valor, jamais se propõe a ser capacho. E o covarde é aquele que caído, não tenta jamais se levantar. Passar bem.

Joao vai ate as estruturas e fica atrás de um dos andaimes. A luz o o áudio transformam o ambiente em uma prisão. João parece conversar com um dos presidiários. Joao se pendura na estrutura.

- Apesar de ter ficado chateado com Sr. Chico, eu quis saber os motivos dele. E em agradecimento por eu não ter aceitado a proposta de Armando, ele me contou o que aconteceu. Tudo não passou de uma grande armação:

O Armando é um grande empresário da região que se incomodava com o grande movimento de pedintes, moradores de rua que viviam por ali. Ele era capaz de tudo para conseguir o que queria. Ele já havia tentado me tirar de circulação, ao fazer uma denuncia, falsa, de que eu estava vendendo drogas na região. Foi ai que ele pediu ao Sr. Chico para servir de testemunha na policia, para mentir, dizendo que eu estava usando a banca de jornal dele como ponto de trafico. O Sr. Chico não aceitou participar dessa armação. Sem provas, fui solto após dias preso. Ao retornar, o Armando tentou me atropelar, mas eu conseguir escapar. O assaltante que estava roubando na

sinaleira apareceu morto, e não foi do nada: O Sr. Chico, sempre chega cedo para abrir a barraca, e o Armando costumava passar de carro para pegar o jornal. Como sempre, Sr. Chico cumprimentava o Armando pela janela do carro, e nesse dia ele viu que tinha uma pessoa com ele. Era o assaltante, que horas depois apareceu morto. O Armando percebeu que dias depois Sr. Chico estava lhe tratando de forma diferente. Como Armando não era besta, colocou Sr. Chico contra a parede. Já nervoso, e sob pressão, Sr. Chico disse que lembrava do rapaz que estava no carro do Armando. Foi aí que Armando desconfiava que Chico soubesse sobre a morte do assaltante. E então ele resolveu se vingar. Um certo dia ele me parou na sinaleira para me fazer a proposta. E acabou dando nisso tudo. E porque eu? O plano dele era para que ao final de tudo, parecesse que eu e Sr. Chico tivéssemos alguma desavença e estávamos acertando as contas. Assim, eu seria o único culpado por tudo, sem precisar envolver alguém de fora. Ninguém ia ter motivo para desconfiar do tal Armando.

- É assim que funciona: Quem tem poder, vive de armações. Arma, para que nós, pobres, acabemos uns com os outros. Fazem da gente como galos em uma rinha. Eles, os apostadores, investem alto para vê os galos brigarem até se matarem, e no final eles saem de mãos limpas e com mais poder. Por isso vemos, diariamente, um negro morto pela polícia. Segurança espancando negro no supermercado; Um dito “Cristão”, cidadão de bem, dando tapa na cara de um desempregado na rua, apenas por diversão; Cidadãos, que deveria cobrar seus direitos, defendendo partido político resultando em guerra entre direita e esquerda... E no final, os responsáveis por causar toda essa baderna, seguem suas vidas, seguros, cheio de dinheiro, com a lei a seu favor. E a justiça, manipulando a palavra ao seu bem querer, fingindo que vê o que ninguém enxerga. E nós, seremos sempre o palhaço que faz a alegria do espectador. *(se dirige ao fundo da cela)* A audiência pra alegria, a estatística do telejornal. De tanto andar na corda bamba eu sou equilibrista, equilibrando a vida e a morte eu sou malabarista. *(senta-se numa privada, e usa jornais como papel higiênico enquanto cantarola uma música)*

- Cantar nunca foi só de alegria, com tempo ruim todo mundo também dá bom dia. Desde quando sorrir é ser feliz? Não me queixo dessa sorte, eu sou comodista. E já me chamam por ai de verdadeiro artista, pois a platéia ainda aplaude, ainda pede bis, a platéia só deseja ser feliz. Sobre mim, fiquei sabendo que o povo dizia: *“Ate que ele era um rapaz muito bem comportado. Um preto sereno com jeito de sonhador”... Um artista invisível, que fez das ruas sua morada e da sinaleira seu palco. Só mais um objeto no transito insano da cidade... que sumiu do sinal e ninguem notou... a não ser o Sr, chico...*